

Estudos Migratórios: As fontes orais e a busca de uma Epistemologia histórica

Nelson de Lima Junior¹

Resumo: O texto que segue visa contribuir aos estudos migratório sob as perspectivas e possibilidades da abordagem da História Oral. A análise abarca alguns conceitos e questionamentos acerca desta metodologia, não pretendendo ser exaustiva e acabada; procurando abrir espaços para novas discussões sobre a questão migratória, enfatizando que o migrante insere-se numa realidade social definida por laços sociais (familiares, grupos de vizinhança, valores, ideologias, etc.), que o caracterizam como pertencente a um determinado espaço social, cultural e Identitário.

Palavras-chave: Método historiográfico; transitoriedade; Memória.

MIGRATION STUDIES: SOURCES AND SEARCH OF AN ORAL HISTORY EPISTEMOLOGY

Abstract: The text that follows is intended to contribute to studies on migration prospects and possibilities of the approach of Oral History. The analysis includes some concepts and questions about this methodology, not intended to be exhaustive and finished; seeking to open new spaces for discussions on the immigration issue, emphasizing that the migrant is part of a social reality defined by social ties (family, neighborhood groups, values, ideologies, etc..), which characterize it as belonging to a particular social space and cultural identity.

Keywords: Historiographical method; transience; memory.

INTRODUÇÃO

O assunto a ser discutido no presente ensaio inicia-se com algumas ponderações sobre o surgimento da abordagem História Oral e como esta foi aos poucos ganhando espaço no campo acadêmico. Até o século XIX a História surge como disciplina acadêmica e o método principal utilizado pelos historiadores em suas pesquisas eram os documentos escritos e oficiais, e acreditava-se que neles estava contida a verdadeira História. Durante esse período a história era considerada masculinizada, haja visto que temas como

¹ ¹Graduando do 7º semestre de História, Campus de Nova Andradina, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Orientador Prof. Msc. Leandro Baller.

história das mulheres, dos negros, dos índios, dos homossexuais etc, não eram discutidos. A História estava sempre relacionada a política, a diplomacia e ao poder.

Todavia a partir do século XX, mais precisamente na França, os historiadores começaram a fazer questionamentos dos “fundos de verdades” que estavam contidas nos documentos, e passam a ter preocupações com a fidedignidade dos documentos, e questionar, por exemplo: Quando foi feito? Por quem? Com que objetivo? Como esta preservado? Tudo para evitar o anacronismo. Deste modo passam a problematizar o passado, se perguntando “o que deixou de ser escrito”, e o documento passa a falar devido as perguntas que são feitas a ele. A História a partir de então ganha uma forma mais social, porém continua utilizando o documento, que por sua vez passa a ter uma ampla definição:

São cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, musicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas de trabalho, utensílios, vestimentas, restos de alimentos, meios de comunicação. São ainda, os sentimentos culturais, estéticos, técnicos e históricos que os objetos representam, organizados por meio de linguagens (escrita, oralidade, números, cartografias, arte). (SAMARA, 2010, p.118)

Seguindo esse pressuposto pode-se citar algumas abordagens metodológicas que surgem neste período como forma de auxiliar nas pesquisas historiográficas como: História Serial, História Quantitativa, História Qualitativa, História Imediata, História Regional, História Local, Micro História etc. Assim, passamos a discorrer sobre o foco da pesquisa: a abordagem da História Oral.

CONCEITOS TEÓRICO/METODOLOGICO

A História Oral surge no século XX como uma nova abordagem que passaria a dar voz aos menos favorecidos, seria em suma uma forma de democratização da história que até então era oficial. Na historiografia brasileira encontramos diversos trabalhos que utilizam a História Oral como método, cabendo aqui ressaltar que não apenas na área de História, como também em

outras áreas de pesquisa, podendo atribuir a essa abordagem um caráter multidisciplinar. Segundo Sônia Maria de Freitas, a História Oral:

É um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana. [...] a tradição oral não está presente apenas nas comunidades tidas como “iletradas” ou tribais. Ela pode também ser identificada e resgatada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia de História Oral. Por exemplo: as cantigas de rodas, brincadeiras e estórias infantis são transmitidas oralmente, de geração em geração. (FREITAS, 2006, p. 5)

A proposta da História Oral como um método que ressalta uma voz apagada da história, foi concebida justamente para fortalecer o método, muito em voga no final do século XX quando muitos trabalhos surgiram com essa determinação para as entrevistas, estando enquadrada na mesma ideia dos historiadores deste período que se propunham a escrever uma “história vista de baixo”.

A metodologia consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Tais entrevistas são produzidas no contexto de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais são as pessoas a serem entrevistadas, o que e como perguntar, e o destino que será dado ao material coletado. Quando trabalhamos com História Oral, também de certa forma “mexemos” com a memória do narrador que às vezes pode ser uma memória individual, coletiva, proibida, oficial, pessoal etc., ou seja, as lembranças vão de acordo com cada assunto discutido de que dependo pode causar vergonha, felicidade, tristeza, dentre outras expressões de sentimentos. De acordo com Michael Pollak, com relação ao enquadramento da memória:

[...] a análise do trabalho de enquadramento de seus agentes e seus traços materiais é chave para estudar, de cima para baixo, como as memórias coletivas são construídas, desconstruídas, o procedimento inverso, aquele que, com os instrumentos da história oral, parte das memórias individuais, faz aparecerem os limites desse trabalho de enquadramento e, ao mesmo tempo, revela um trabalho psicológico do indivíduo que tende a controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais. (POLLAK, 1989, p. 10)

Neste sentido é possível perceber que em média, as pesquisas voltadas para discutir diversos tipos de migração, seja ela interna ou externa, em que a maioria dos pesquisadores recorrem a História Oral, como forma de

“descobrir” por meio das narrativas os agentes que influenciam no deslocamento, assim como propor novos questionamentos. Para Souza (2006) “as migrações são sempre fenômenos sociais bastante complexos, que passam pela abordagem de um conjunto de fatores e elementos nem sempre claramente definidos” (SOUZA, 2006, p. 31). Seguindo esse pressuposto é cabe ressaltar que as migrações estão ligadas a dimensões individual/subjetivas e social/coletivo, o que sujeita a busca e instrumentos teórico/metodológico que auxilie e possibilite a compreensão de determinadas argumentações que o pesquisador procura responder.

A migração é um dos grandes temas debatido na historiografia, porém, os assuntos abordados geralmente estão voltados para as migrações internacionais mais precisamente relacionados às áreas fronteiriças. Se pegarmos o Estado de Mato Grosso do Sul como exemplo, vamos perceber a influencia de trabalhos voltados para as problemáticas relacionadas à cultura, à identidade e a transitoriedade nas fronteiras entre Brasil/Paraguai; Brasil/Bolívia, entre outras, sem contar as migrações transoceânicas. Para Thompson (2002)

[...] a história da migração está interessada nos processos pelos quais os migrantes, individual e coletivamente, se estabelecem em uma nova região ou país, e pelas maneiras em que as redes de trabalho e os estilos de vida do local de origem são recriados e modificados no novo mundo. Evidentemente, a experiência de um grupo étnico particular no local de destino é um elemento necessário à história da migração (THOMSON, 2002, p 342).

Todavia, quais são os motivos que fazem um individuo deixar sua terra natal e migrar para outra região que para ele até aquele momento era visto como incógnito. Klein (2002) salienta que, “a maioria dos migrantes não desejam abandonar suas casas, nem mesmo suas comunidades a não ser aqueles que procuram novas aventuras e anseios por mudança” (KLEIN, 2002, p. 13). Porém, quando nos colocamos a discutir alguns conceitos sobre migrações, nos deparamos com vários questionamentos como: o que é o ato de migrar? Por que uma pessoa migra? É em busca de melhores condições econômicas ou sociais? Por perseguição religiosa ou étnica? Ou pelo acesso a terra/propriedade almejando reconhecimento em outro lugar de destino, ou seja, *status*.

Truzzi (2008), em seu artigo sobre *Redes em processos migratórios* argumenta que, além dos laços de parentesco e conterraneidade outro fator importante a ser destacado são as influências de agentes e propagandas que agem como uma corrente transmissora de informações que alimentavam os deslocamentos. O ato de migrar também pode estar ligado a outros fatores, como a busca de melhores condições de vida e trabalho, exemplo esse denominado por Goettert (2009) como “mobilidade da força de trabalho”, pela paixão de conhecer novos lugares seguindo a idéia de “desbravadores”, “pioneiros”, “aventureiros”, ou algum motivo relacionado a questões sociais, como por exemplo, a busca de um parente pai, mãe, irmão, etc.

Quando falamos em migrações, também somos chamados a discutir questões de identidade, pois ao migrar um individuo deixa a sua terra natal, costumes, crenças etc. e passa a viver em um lugar que muitas vezes é diferente do “grupo” em que vivia, sentindo-se desta forma deslocado até se adaptar ao novo espaço que agora esta inserido. Nos casos de transitoriedade percebemos que muitas vezes o individuo se utiliza de várias identidades, como o caso dos chamados Brasiguaios², que ora se denominam brasileiros e ora se apresentam como paraguaios, dependendo da situação.

Percebemos as questões ligadas aos espaços não como algo naturalizado e petrificado sofrendo as ações do tempo, os historiadores se demoraram ao elencar o espaço em suas análises, a partir do momento em que há a configuração de novas estruturas sociais, há também novas construções espaciais, tornando-o dinâmico e fluído, da forma como vimos num primeiro instante com Marc Bloch e os espaços rurais, e também em Braudel com os espaços marítimos. O historiador deve perceber que o espaço não está fora do seu cabedal de análise e as pessoas reorientam a todo momento suas configurações.

No entanto temos aqueles que mesmo em outro ambiente que não mais igual ao seu procura defender sua tradição, podendo citar como exemplo os Gaúchos e os Nordestinos, que são reconhecidos pelo sotaque, vestimentas, gestos etc. Os gaúchos por sua vez defendem com maior

² Cf.: BALLER, Leandro: *Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.

visibilidade sua identidade, basta olharmos em volta os diversos CTG³ que se encontra pelo Brasil a fora. Todavia, encontramos também centros de tradições nordestinas bem vistosas em capitais do sudeste e do centro-oeste brasileiro.

Souza (2004) ao trabalhar com experiências de inserção social de migrantes gaúchos em Roraima vai discutir estas questões levantadas por meios de narrativas orais feitas com indivíduos que migraram para Roraima a procura de melhores condições econômicas, e que a autora denomina como a busca pelo “Eldorado”.

Ferreira (2010) ressalta que:

[...] as identidades são construídas e estão longe de serem fixas e imutáveis. Essa construção não está, porém, isenta de influências, negociações e transformações. Isso quer dizer que memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas e não são fenômenos que devem ser compreendidos como essências de uma pessoa ou um grupo. (FERREIRA, 2010, p. 87)

Compreender as motivações que fazem as pessoas migrarem é um dos fatores que instigam o pesquisador a aprofundar sua temática. Goettert (2009) se utiliza desta abordagem para discorrer em um artigo sobre os diversos motivos que levam uma pessoa a migrar. As narrativas orais coletadas pelo autor trazem quatro tipos distintos de migração ligados em suma: a mobilidades da força de trabalho, a influências políticas e lutas sindicais, a garantia de status no novo território e por fim a idéia ligada ao anseio de aventura.

Sendo assim, é válido afirmar também que por meio das entrevistas é possível perceber vários elementos importantes que estão presentes nas “entrelinhas” como, os silêncios dos narradores, o choro, os risos, o tom de voz, as representações e identidades, atentando quando o entrevistado tem certeza ou não de determinado fato, se ele esta contando realmente tudo ou esconde algo, essas são algumas possibilidades que a História Oral proporciona, a subjetividade é um elemento interessante de percepção nessas entrevistas.

Freitas afirma que:

³ Centro de Tradições Gaúchas.

A História Oral possibilita novas versões da História ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Este tipo de projeto propicia sobretudo fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, através de suas referências e também do seu imaginário. O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial.(FREITAS, 2006, p 53)

Em campo os procedimentos são realizados da seguinte forma: estabelecer o grupo de pessoas que serão entrevistadas, formando uma rede de informantes, verificar se essas têm condições de dar uma entrevista, promover um encontro com os possíveis entrevistados para estabelecer empatia, formular o roteiro, realizar a entrevista, transcrição da gravação, textualização, recorte e citação. Teoricamente esses procedimentos se dividem em quatro partes: coleta de dados, sistematização, análise dos dados e síntese.

A realização da entrevista com o narrador/migrante é um dos momentos mais instigantes para o pesquisador/ historiador, pois o mesmo imagina que o indivíduo ira sanar todas as suas dúvidas, porém nem sempre o mesmo consegue, pelo contrário deixa em aberto mais questionamentos. Por meio da entrevista é possível descobrir os motivos que levaram o indivíduo a migrar, o que o mesmo trouxe consigo, como foi o período de adaptação, os meios de sociabilidade no novo território, os laços de parentesco, o contato com os parentes que ficaram na terra natal, entre outros.

No entanto, é viável, quando utilizamos a História Oral como metodologia de pesquisa, nos apoiarmos em outras fontes: documentais, jornalísticas, imagéticas, mapas etc. que possam dar sustentação a sua tese. Silva (2009), por exemplo, desenvolveram uma pesquisa voltada para as contribuições de desenhos e mapas para os estudos migratórios, mas se apoiando também na História Oral. Acreditamos que o cruzamento de fontes é um dos principais caminhos nos estudos históricos na tentativa de nos aproximar de certas realidades acontecidas, seja qual for a fonte principal que se está analisando.

Por meio das entrevistas realizadas com ambos os sexos é possível perceber diferentes versões sobre o mesmo processo migratório. Como por exemplo, para uma mulher que migrou com seu esposo para trabalhar na

colonização de um município⁴ a fala é da seguinte forma: “quando chegamos era tudo muito difícil, aqui era tudo mato, não tinha médico e nem escolas. Para o homem: nos chegamos aqui era tudo mato e nos fomos derrubando tudo a foice e machada, abrindo tudo e construindo as moradias.” (Entrevista com Osmira Cardoso, realizada em Ivinhema, no dia 11/12/12 e Josias Francisco Rodriguês, realizada também em Ivinhema no dia 18/08/12). Percebe-se que a narrativa da Sr. Osmira é voltada para as questões detalhadas do cotidiano, enquanto o relato do Sr Josias dá à ideia de homens “fortes” desbravadores.

Alguns autores consideram que na historiografia sempre existiu uma migração das mulheres, ao lado daquela dos homens. Fato esse que até recentemente, a historiografia sobre o tema tenha descrito o fenômeno migratório como uma experiência quase sempre masculina, conferindo “invisibilidade” às mulheres. Atualmente a questão de gênero ligada à migração vem se renovando e a cada vez mais as mulheres passam a narrar o seu ponto de vista sobre determinado processo. Para Verena Alberti:

As possibilidades de pesquisa abertas pelo uso da História oral são, sem dúvida, bastante profícuas e atraentes. Mas entre gravar as entrevistas e delas tirar conclusões consistentes para os campos de investigação escolhidos vai uma grande distância. Não é fácil trabalhar com a chamada fonte oral. Como fazer para “ouvir” o que ela tem a dizer? Antes de mais nada, é preciso considerar as condições de sua produção, o que nos leva à sua especificidade. (ALBERTI, 2006,p: 168)

Uma das críticas feitas a esta abordagem por alguns historiadores é como tornar uma entrevista oral, um documento? Além de como fazer a contextualização e explorar as informações obtidas?. Sendo assim, antes de trabalhar com esta abordagem o pesquisador necessita ter uma bagagem teórico/metodológico sobre o assunto, e saber quais são os possíveis riscos. Como exemplo, pegamos um antropólogo que pesquisava migração de índios para uma determinada terra, dentro os migrantes que participaram do processo migratório, restaram apenas três. O pesquisador desta forma estabeleceu contato com os três possíveis narradores, porém no decorrer da pesquisa dois deles faleceram, restando apenas um. A partir de então o antropólogo passou a

⁴ O exemplo citado acima foi elaborado com base nas entrevistas que venho realizando para uma pesquisa que compreende a inserção social de migrantes paulistas e paranaenses em Ivinhema, município localizado no Estado de Mato Grosso do Sul, há 300 km da Capital Campo Grande.

dissertar sobre o seu objeto de pesquisa se utilizando da micro-história por meio de apenas uma memória individual.

Cabe salientar que além das migrações nacionais e internacionais, a História oral vem sendo escolhida como metodologia por vários antropólogos em estudos voltados para a História indígena principalmente no Estado de Mato Grosso do Sul que abarca várias etnias. No que diz respeito as questões migratórias, pesquisadores se utilizam de fontes orais, com o anseio de compreender os processos de mudanças de identidade da etnias indígenas tanto nas fronteiras físicas como simbólicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo que foi exposto sobre a abordagem da História Oral e os processos migratórios, estamos longe de chegar a uma conclusão fechada sobre esta temática. Contudo cabe mostrar a relevância desta metodologia em estudos multidisciplinares, pois a História Oral nos proporciona vários temas e objetos de estudos, assim como podemos utilizar de outras fontes documentais, imagéticas, que dão sustentação às minhas pesquisas.

Em especial nos estudos migratórios a História oral, proporciona ao pesquisador um contato direto com a fonte “o narrador” que de seu modo busca contar a sua trajetória, abarcadas de histórias, memórias e representações. Lembrando dos cuidados que devemos tomar quando trabalhamos com a memória seja ela individual ou coletiva, mas quase sempre selecionada, ou seja, o narrador só irá contar o que o mesmo acha que é interessante. As experiências e práticas decorrentes da migração vão se desenrolar nas trajetórias de vida narradas, na reconstrução das representações simbólicas ligadas ao local de origem e percebidas nas falas. Neste sentido, o breve texto procurou chamar a atenção de alguns pontos que envolvem questões teóricas e metodológicas sobre os estudos migratórios e a metodologia da História Oral. Uma ultima consideração seria que a História tem como principal característica a “imortalidade do orador”, pois o historiador é quem tem espaço livre para narrar o passado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *História dentro da História*. In: Fontes históricas: Carla Bassanezi Pinsky, (Org.). - São Paulo: Contexto, 2005.

ALBERTI, V. 2004. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

BALLER, Leandro: *Cultura, Identidade e Fronteira: Transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. 2008. 186 p. Dissertação (Mestrado em História)- Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Aprendendo História: reflexões e ensino/ Marieta de Moraes Ferreira, Renato Franco*. - São Paulo: Editorado Brasil, 2009.

GOETTERT, Jones Dari. Gentes, migração e transitoriedade migratória. In: *Revista Espaço Plural* Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná. – ano 1.n.1 (1999)- Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 1999.

KLEIN, H. S. Migração internacional na História das Américas. In: FAUSTO, B. (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 13-31.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2 n.3, 1989, p.3-15.

SAMARA, Eni de Mesquita, História & Documento de pesquisa/ Eni Mesquita Samara e Ismênia Spínola Silveira Truzzi Tupy. 2 ed. Belo Horizonte: Autentica Editor, 2010. P 16-118.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Desenhos e mapas: Uma contribuição aos estudos migratórios. In: *Revista Espaço Plural: Universidade Estadual do Oeste do Paraná*. Núcleo de Pesquisa e Documentação sobre o Oeste do Paraná. – ano 1.n.1 (1999)- Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 1999.

SOUZA, Carla Monteiro. Considerações sobre a inserção social de migrantes gaúchos em Roraima. In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, v.9, n., jan-jun. 2006.- Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral v.9, n.1, p 29-68.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, Anpuh/ Humanitas, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. In: *Revista Tempo Social, Revista de sociologia da USP*, v.20, n.1, PP. 199-218.